PRÓLOGO

CHITA

Há dois verões, a minha mulher e eu levámos as nossas filhas ao jardim zoológico. Enquanto andávamos por ali, vimos uma placa a anunciar o grande evento do parque: a Corrida da Chita. Seguimos as famílias que procuravam lugares para ver a corrida e encontrámos um espaço vazio ao longo do percurso. A nossa filha mais nova, a Amma, subiu para os ombros da minha mulher para ver melhor.

E apareceu uma tratadora loira e animada com um colete caqui. Tinha na mão um megafone e a trela de um *retriever* do Labrador amarelo. Fiquei confusa. Não sei muito sobre animais, mas se ela tentasse convencer os meus filhos de que aquele cão era uma chita, eu ia pedir um reembolso da Corrida da Chita.

Ela começou:

— Sejam todos bem-vindos! Estão prestes a conhecer a nossa chita residente, a *Tabitha*. Acham que esta é a *Tabitha*?

— Não! — gritaram as crianças.

— Este doce *labrador* é a *Minnie*, a melhor amiga da *Tabitha*. Apresentámo-las quando a *Tabitha* era uma chita bebé e criámos a *Minnie* e a *Tabitha* juntas para ajudar a domesticá-la. Seja o que for que a *Minnie* faça, a *Tabitha* também quer fazer.

A tratadora apontou para um jipe que estava estacionado atrás dela. Um coelho de peluche cor-de-rosa estava atado à porta traseira com uma corda desgastada.

E perguntou ela:

— Quem tem um *labrador* em casa?

Mãos pequenas ergueram-se no ar.

— Que *labrador* é que gosta de brincar à apanhada?

— O meu! — gritaram os miúdos.

— Bem, a *Minnie* adora correr atrás deste coelho! Então, primeiro, a *Minnie* vai fazer a Corrida da Chita, enquanto a *Tabitha* observa, para se lembrar de como é que se faz. Depois, fazemos a contagem decrescente, eu abro a jaula da *Tabitha* e ela parte. No fim do percurso, a apenas cem metros naquela direção, há um bife delicioso à espera da *Tabitha*.

A tratadora destapou a jaula da *Tabitha* e conduziu a *Minnie*, ansiosa e ofegante, até à linha de partida. Fez sinal ao jipe e este partiu. Ela largou a trela da *Minnie* e todos nós vimos um *labrador* amarelo a perseguir alegremente um coelho cor-de-rosa sujo. As crianças aplaudiram com entusiasmo. Os adultos enxugaram o suor da testa.

Por fim, chegou a altura do grande momento da *Tabitha*. Fizemos a contagem decrescente em uníssono:

— Cinco, quatro, três, dois, um…

A tratadora abriu a porta da jaula e o coelho voltou a partir. A *Tabitha* saiu disparada, um borrão com pintas ferozmente focado no coelho. Atravessou a linha de meta em segundos. A tratadora assobiou e atirou-lhe um bife. A *Tabitha* espalmou-o com as patas enormes, agachou-se na terra e mastigou-o enquanto a multidão aplaudia.

Não bati palmas. Fiquei enjoada. A domesticação da *Tabitha* pareceu-me… familiar.

Observei a *Tabitha* a roer aquele bife no chão do jardim zoológico e pensei: *Dia após dia, este animal selvagem persegue coelhos cor-de-rosa sujos por aquele caminho estreito e batido que lhe definiram. Sem nunca olhar para a esquerda ou para a direita, sem nunca apanhar aquele maldito coelho e contentando-se, em vez disso, com um bife comprado e com a aprovação distraída de estranhos transidos de suor. Obedecendo a cada ordem da tratadora, tal como a* Minnie*, a cadela* labrador *treinada para acreditar que era. Sem noção de que, se se lembrasse das suas origens selvagens — apenas por um instante —, poderia fazer aqueles tratadores do jardim zoológico em pedaços.*

Quando a *Tabitha* acabou de comer o seu bife, a tratadora abriu um portão que dava para um pequeno campo cercado. A *Tabitha* entrou e o portão fechou-se atrás dela. A tratadora voltou a pegar no megafo-

ne e perguntou se alguém queria fazer perguntas. Uma menina dos seus nove anos levantou a mão e perguntou:

— A *Tabitha* não está triste? Ela não tem saudades da selva?

— Desculpa, não te consigo ouvir — disse a tratadora. — Podes perguntar outra vez?

A mãe da criança disse, então, mais alto:

— Ela quer saber se a *Tabitha* sente falta da selva.

A tratadora sorriu e disse:

— Não. A *Tabitha* nasceu aqui. Não conhece outra coisa. Nunca viu a selva. Esta é uma boa vida para ela. Está muito mais segura aqui do que estaria na selva.

Enquanto a tratadora começava a partilhar factos sobre chitas nascidas em cativeiro, a minha filha mais velha, a Tish, deu-me um toque e apontou para a *Tabitha*. Ali, naquele campo, longe da *Minnie* e dos tratadores, a postura de *Tabitha* tinha mudado. Tinha a cabeça levantada e vigiava a sua periferia, seguindo os limites que a cerca criava. Para a frente e para trás, para a frente e para trás, parando apenas para fitar algum sítio para lá da cerca. Era como se se estivesse a lembrar de qualquer coisa. Parecia majestosa. E um bocadinho assustadora.

A Tish sussurrou-me:

— Mãe. Ela voltou a ficar selvagem.

Acenei com a cabeça para a Tish e continuei a fitar a *Tabitha* enquanto esta deambulava. Gostava de lhe poder perguntar: «O que é que se está a passar dentro de ti?»

Eu sabia o que ela me diria. Qualquer coisa como: «Há algo de *errado* na minha vida. Sinto-me inquieta e frustrada. Tenho a sensação de que as coisas deviam ser mais belas do que isto. Imagino savanas amplas e sem vedações. Quero correr, caçar e matar. Quero dormir sob um céu negro como breu, silencioso e cheio de estrelas. *Parece tão real que quase o posso ver.*»

Depois, olharia para trás, para a vedação, a única casa que conhecera. Olharia para os tratadores sorridentes, para os espetadores aborrecidos e para a sua melhor amiga ofegante, saltitante e imploradora, o *labrador*.

Suspiraria e diria: «Eu devia estar grata. Tenho uma vida suficientemente boa aqui. É uma loucura ansiar pelo que nem sequer existe.»

E eu diria: «*Tabitha*. Tu não és maluca. És o raio de uma chita.»

PRIMEIRA PARTE

ENJAULADA

CENTELHAS

Há quatro anos, casada com o pai dos meus três filhos, apaixonei-me por uma mulher.

Muito mais tarde, vi aquela mulher sair da minha casa e ir de carro encontrar-se com os meus pais para partilhar o seu plano de me pedir em casamento. Ela pensava que eu não sabia o que estava a acontecer naquela manhã de domingo, mas eu sabia.

Quando ouvi o carro dela voltar, acomodei-me no sofá, abri um livro e tentei desacelerar o ritmo cardíaco. Ela entrou e dirigiu-se imediatamente para mim, baixou-se e beijou-me na testa. Afastou o meu cabelo para o lado e inspirou profundamente contra o meu pescoço, como sempre faz. Depois levantou-se e desapareceu no quarto. Fui até à cozinha para lhe servir um café e, quando me voltei, ela estava ali, mesmo à minha frente, com um joelho no chão e um anel na mão. Os seus olhos eram seguros e suplicantes, bem abertos e focados, de um azul-celeste sem fundo.

— Não consegui esperar — disse ela. — Pura e simplesmente, não consegui esperar nem mais um minuto.

Mais tarde, na cama, apoiei a minha cabeça no peito dela enquanto conversávamos sobre a sua manhã. Ela dissera aos meus pais que amava a filha e os netos deles como nunca amara antes. Tinha passado a vida inteira à procura e a preparar-se para eles. E prometia que os ia amar e proteger para sempre.

Os lábios da minha mãe tremeram de medo e coragem quando disse:

— Abby. Não via a minha filha tão viva desde os dez anos.

Muitas outras coisas foram ditas naquela manhã, mas aquela primeira resposta da minha mãe chamou-me a atenção como a frase de um romance que implora por ser sublinhada:

Não via a minha filha tão viva desde os dez anos.

A minha mãe vira o brilho nos meus olhos desaparecer durante o meu décimo ano na Terra. Agora, 30 anos depois, estava a testemunhar o regresso dessa centelha. Nos últimos meses, toda a minha postura mudara. Eu parecia-lhe majestosa. E um pouco assustadora.

Depois daquele dia, comecei a perguntar a mim mesma: *Para onde terá ido a minha centelha aos dez anos? Como é que me perdi?*

Fiz a minha investigação e aprendi o seguinte. É aos dez que aprendemos a ser boas meninas e rapazes de verdade. Dez anos é a idade em que as crianças começam a esconder quem são para se tornarem o que o mundo espera que sejam. Por volta dos dez, é quando começamos a interiorizar a nossa domesticação formal.

Tinha dez quando o mundo me mandou sentar, disse-me que ficasse quietinha e apontou para o que seriam as minhas jaulas:

Estes são os sentimentos que podes exprimir.
É assim que uma mulher deve agir.
Este é o corpo pelo qual te deves esforçar.
Estas são as coisas em que vais acreditar.
Estas são as pessoas que podes amar.
Estas são as pessoas que deves temer.
Este é o tipo de vida que deves desejar.

Encaixa-te. Vais sentir-te desconfortável no início, mas não te preocupes — por fim, vais esquecer que estás enjaulada. Em breve, vais achar que isto é a vida pura e simples.

Eu queria ser uma boa menina e lá me tentei controlar. Escolhi uma personalidade, um corpo, uma fé e uma sexualidade tão minúsculos que tinha de prender a respiração para caber lá dentro. E fiquei imediata e gravemente doente.

Quando me tornei uma boa menina, também me tornei bulímica. Ninguém consegue prender a respiração o tempo todo. A bulimia era

onde eu respirava. Era nela que me recusava a obedecer, era ali que saciava a minha fome e exprimia a minha fúria. Tornava-me animalesca durante os meus empanturramentos diários. Depois debruçava-me sobre a sanita e vomitava, porque uma boa menina deve manter-se muito pequena para caber dentro das suas jaulas. Não deve deixar qualquer prova visível da sua fome. As boas meninas não têm fome, não são furiosas nem selvagens. Todas as coisas que tornam uma mulher humana são os segredos feios de uma boa menina.

Naquela altura, suspeitava que a minha bulimia significava que estava maluca. Na secundária, passei algum tempo num hospital psiquiátrico, e a minha suspeita confirmou-se.

Agora compreendo-me de outra maneira.

Eu era apenas uma rapariga enjaulada feita para céus abertos.

Não estava louca. Era o raio de uma chita.

Quando vi a abby, lembrei-me do meu lado selvagem. Queria-a, e essa foi a primeira vez que quis algo além do que fora treinada para querer. Amei-a, e foi a primeira vez que amei alguém além daqueles que era esperado que amasse. Criar uma vida com ela foi a primeira ideia original que tive e a primeira decisão que tomei enquanto mulher livre. Volvidos 30 anos de contorcionismo para caber na ideia de amor de outrem, tinha finalmente um amor que encaixava — personalizado para mim, por mim. A mim mesma finalmente perguntara o que é que queria em vez daquilo que o mundo queria de mim. Sentia-me viva. Experimentara a liberdade e queria mais.

Examinei profundamente a minha fé, as minhas amizades, o meu trabalho, a minha sexualidade, toda a minha vida, e perguntei: Que parte de tudo isto foi ideia minha? Quero realmente alguma destas coisas ou é o que fui condicionada para querer? Quais das minhas crenças foram criadas por mim e quais foram programadas em mim? Quanto de quem me tornei faz parte de mim e quanto foi apenas herdado? Que parte da minha aparência, da minha maneira de falar e de me comportar é apenas como os outros me treinaram para parecer, falar e comportar-me? Quantas coisas que passei a vida a perseguir são apenas

coelhos cor-de-rosa sujos? Quem era eu antes de me tornar em quem o mundo me disse que fosse?

Com o tempo, afastei-me das minhas jaulas. Aos poucos, construí um novo casamento, uma nova fé, uma nova visão do mundo, um novo propósito, uma nova família e uma nova identidade, intencional, em vez de por defeito. Imaginada por mim, em vez de vinda da minha doutrinação, criada pelo meu lado selvagem, em vez de pelo meu treino.

As histórias que se seguem contam como fui enjaulada — e como me libertei.

MAÇÃS

Tenho dez anos e estou sentada numa pequena sala no fundo da Igreja Católica da Natividade com outras 20 crianças. Estou no CCD[1], para onde os meus pais me mandam às quartas-feiras para aprender coisas sobre Deus. A nossa professora de CCD é a mãe de uma colega minha. Não me lembro do nome dela, mas lembro-me de que passa a vida a dizer que é contabilista durante o dia. A sua família precisava de horas de serviço, pelo que ela se ofereceu para trabalhar na loja de souvenirs. Em vez disso, a igreja destacou-a para a sala 423, o CCD do 5.º ano, e por isso — às quartas-feiras, entre as 18h30 e as 19h30 — anda a ensinar Deus às crianças.

Ela diz-nos para nos sentarmos no tapete diante da sua cadeira, porque nos vai explicar como Deus fez as pessoas. Apresso-me a arranjar um lugar à frente. Estou muito curiosa por saber como e por que razão fui feita. Noto que a nossa professora não tem uma Bíblia nem qualquer outro livro no colo. Ela vai falar de cor. Estou impressionada.

E começa.

— Deus fez Adão e pô-lo num belo jardim. Adão era a criação favorita de Deus e foi por isso que Ele disse a Adão que a sua única função era ser feliz, governar o jardim e dar nomes aos animais. A vida de Adão era quase perfeita, mas ele sentia-se sozinho e stressado. Queria companhia e ajuda para dar os nomes aos animais. E disse a Deus que queria companhia e ajuda. Uma noite, Deus ajudou Adão a dar à luz Eva. De dentro do corpo de Adão nasceu uma mulher. É por isso que

[1] Sigla que representa Confraternity of Christian Doctrine (Confraternidade da Doutrina Cristã). (*N. da T.*)

ela se chama mulher. Porque as mulheres vieram do ventre do homem. Ventre — homem[2].

Estou tão maravilhada que me esqueço de levantar a mão.

— Espere. Adão deu à luz *Eva*? Mas as pessoas não vêm do corpo das mulheres? Não deviam ser os rapazes a ser chamados mulheres? Não deviam todas as pessoas ser chamadas mulheres?

A minha professora diz:

— Levanta a mão, Glennon.

Levanto a minha mão. Ela faz um gesto para que eu a baixe. O rapaz que está sentado à minha esquerda revira os olhos para mim.

A nossa professora continua.

— Adão e Eva estavam felizes e tudo correu na perfeição durante algum tempo. Então, Deus disse que havia uma árvore da qual eles não podiam comer: a Árvore do Conhecimento. Embora fosse a única coisa que Eva não tinha autorização para querer, mesmo assim, ela quis uma maçã daquela árvore. Então, um dia, ela ficou com fome, tirou uma maçã da árvore e deu-lhe uma dentada. Depois enganou Adão para que ele desse uma dentada também. Mal Adão mordeu a maçã, Eva e Adão sentiram vergonha pela primeira vez e tentaram esconder-se de Deus. Mas Deus vê tudo. Deus sabia. Deus baniu Adão e Eva do jardim. Depois amaldiçoou-os e aos seus futuros filhos, e, pela primeira vez, houve sofrimento na Terra. É por isso que ainda hoje sofremos, porque o pecado original de Eva está dentro de todos nós. Esse pecado é querermos saber mais do que devemos, querermos mais em vez de ficarmos agradecidos pelo que temos e fazermos o que queremos em vez do que devemos fazer.

Foi uma contabilidade cuidadosa. Eu não tinha mais perguntas.

[2] Trocadilho com as palavras inglesas «womb», útero, e «man», homem. «Womb» + «man» = «wo-man», mulher. (*N. da T.*)

BROCHES

O meu marido e eu começámos a trabalhar com uma psicóloga depois de ele ter admitido que tinha andado a dormir com outras mulheres. Agora guardamos os nossos problemas durante a semana e levamos-lhos às terças-feiras à noite. Quando as amigas me perguntam se ela é boa, eu digo:

— Acho que sim. Quer dizer, ainda estamos casados.

Hoje pedi para a ver a sós. Estou cansada e nervosa, porque passei a noite toda a ensaiar em silêncio como dizer o que estou prestes a dizer.

Sento-me em silêncio na cadeira e ponho as mãos cruzadas no colo. Ela senta-se direita na cadeira à minha frente. Usa um impecável fato de calças branco, saltos não muito altos e nenhuma maquilhagem. Uma estante de madeira cheia de manuais e diplomas emoldurados trepa pela parede atrás dela como um feijoeiro. Tem a caneta suspensa por cima de um caderno de couro, no colo, pronta para me fixar a preto e branco. Recordo a mim mesma: *Fala com calma e confiança, Glennon, como uma adulta.*

— Tenho uma coisa importante a dizer-lhe. Apaixonei-me. Estou perdidamente apaixonada. O nome dela é Abby.

A minha terapeuta fica boquiaberta, o suficiente para eu notar, e não diz nada durante um momento eterno. Em seguida, respira profundamente e diz:

— Está bem.

Faz uma pausa e recomeça.

— Glennon, sabe que, seja lá o que isto for — não é real. Estes sentimentos *não são reais*. Qualquer futuro que esteja a imaginar aqui também não é real. Isto não é nada mais do que uma distração perigosa. Não vai acabar bem. Tem de acabar.

Começo a dizer:

— A doutora não entende. Isto é diferente.

Mas, então, penso em todas as pessoas que se sentaram nesta cadeira e insistiram: *Isto é diferente*.

Se ela não me deixar ficar com a Abby, tenho de construir os argumentos para, pelo menos, nunca mais ter o meu marido.

— Não consigo voltar a dormir com ele — digo. — A doutora sabe quanto tentei. Às vezes, acho que lhe perdoei, mas então ele põe-se em cima de mim e eu volto a odiá-lo. Já se passaram anos e não quero ser difícil, e fecho os olhos e tento flutuar para longe até que tudo acabe. Mas, depois, regresso acidentalmente ao meu corpo e aterro numa imensa fúria, numa coisa ardente. É como se tentasse morrer por dentro, mas há sempre um pouco de vida em mim e essa vida torna o sexo insuportável. Não posso estar viva durante o sexo, mas também não consigo morrer o suficiente. É por isso que não há solução. Eu só… não quero continuar a fazê-lo.

Estou furiosa por as lágrimas aparecerem, mas elas surgem. Estou a implorar agora. Misericórdia, por favor.

Duas mulheres. Um fato branco. Seis cursos emoldurados. Um caderno aberto. Uma caneta, preparada.

E depois:

— Glennon, já tentou fazer-lhe apenas sexo oral? Muitas mulheres acham os broches menos íntimos.

INSTRUÇÕES

Tenho um filho e duas filhas, até que eles me digam o contrário. Os meus filhos acreditam que o chuveiro é um portal mágico de ideias.

A minha mais nova disse-me recentemente:

— Mãe, é como se eu não tivesse ideias o dia todo, mas, mal entro no chuveiro, o meu cérebro fica cheio de coisas espantosas. Acho que deve ser da água.

— Pode ser a água — respondi. — Ou pode ser porque o chuveiro é o único sítio onde não estás ligada a nada e, portanto, consegues ouvir os teus próprios pensamentos ali.

Ela olhou para mim e disse:

— Hã?

— Essa coisa te que acontece no chuveiro, querida, chama-se *pensar*. É algo que as pessoas faziam antes do Google. Pensar é como… é como pesquisar com o teu próprio cérebro.

— Oh — disse ela. — Boa.

Esta mesma criança rouba-me o champô caro uma vez por semana. À conta disso, no outro dia, fui até à casa de banho que ela partilha com o irmão e com a irmã adolescentes resgatá-lo. Abri a cortina do chuveiro e notei os 12 frascos vazios espalhados pela borda da banheira. Todos os frascos do lado direito eram vermelhos, brancos e azuis, e todos os frascos do lado esquerdo eram cor-de-rosa e roxos.

Peguei num frasco vermelho daquele que era claramente o lado do meu filho. Era alto, retangular, volumoso, e gritava para mim em letras vermelhas, brancas e azuis:

**3X MAIOR,
NÃO LHE ROUBA A DIGNIDADE,
ARME-SE COM UM PERFUME DE HOMEM,
DÊ UM PONTAPÉ NA SUJIDADE E ESMAGUE O ODOR
COM UMA CADEIRA DESDOBRÁVEL.**

Pensei: *Mas que raio? O meu filho está a tomar banho ou a preparar-se para a guerra?*

Peguei num dos frascos esguios, metálicos e cor-de-rosa das meninas. Em vez de me dar ordem de marcha, aquele frasco sussurrava, em letra cursiva e fluida, adjetivos desconectados: *sedutor, radiante, suave, puro, luminoso, sedutor, tocável, leve, cremoso*. Não havia um verbo em lado nenhum. Nada para fazer aqui, apenas uma lista de coisas para se ser.

Olhei em volta por um instante para me certificar de que o chuveiro não era, de facto, um portal mágico que me transportara atrás no tempo, de alguma forma. Não. Ali estava eu, no século XXI, quando aos rapazes ainda é ensinado que os verdadeiros homens são grandes, ousados, violentos, invulneráveis, enojados perante a feminilidade e responsáveis por conquistar as mulheres e o mundo. E quando as raparigas ainda estão a aprender que as mulheres de verdade devem ser silenciosas, bonitas, pequenas, passivas e desejáveis para serem dignas de ser conquistadas. Aqui estamos todos. Os nossos filhos e filhas ainda estão a ser sujeitos à vergonha em nome do abandono da sua humanidade plena antes sequer de se vestirem de manhã.

Os nossos filhos são demasiado vastos para caber nestes frascos rígidos produzidos em massa. Mas vão perder-se a tentar.

URSOS POLARES

Há vários anos, a professora da minha filha Tish ligou e disse que havia uma «situação» na escola. Durante uma discussão sobre a vida selvagem, a professora disse à turma que os ursos polares estavam a perder as suas casas e fontes de alimento por causa do derretimento das calotas polares. E mostrou aos alunos a fotografia de um urso polar moribundo como um exemplo dos diversos efeitos do aquecimento global.

Os outros alunos do jardim de infância acharam que aquela era uma informação triste, mas não triste o suficiente para os impedir de irem para o recreio. Mas a Tish não. A professora contou-me que, quando a aula terminou e as outras crianças se levantaram do tapete para sair para a rua, a Tish deixou-se ficar sentada, sozinha, de boca escancarada, paralisada de estupefação e com o seu pequeno rosto chocado, como se perguntasse:

«O QUÊ? A professora acabou de dizer que os ursos polares estão a *morrer*? Porque a *Terra está a derreter*? A mesma Terra onde vivemos? A professora acabou mesmo de lançar este pequeno pedaço de terror SOBRE NÓS NA HORA DO CÍRCULO?»

A Tish lá acabou por sair, mas não conseguiu participar nas brincadeiras daquele dia. As outras crianças tentaram tirá-la do banco para que fosse brincar com elas, mas ela deixou-se ficar ao pé da professora, de olhos arregalados, a perguntar:

— Os adultos sabem disto? O que é que vão fazer? Também há outros animais em dificuldades? Onde está a mãe daquele urso polar esfomeado?

Ao longo do mês seguinte, a vida da nossa família girou em torno dos ursos polares. Comprámos pósteres de ursos polares e cobrimos a parede do quarto da Tish com eles. «Para me lembrar, mãe; tenho de me lembrar.» Patrocinámos quatro ursos polares *online* e conversámos sobre ursos polares ao jantar, ao pequeno-almoço, no carro e nas festas. Na verdade, discutimos os ursos polares de modo tão incessante que ao fim de algumas semanas comecei a odiar ursos polares com todas as fibras do meu ser. Comecei a lamentar o dia em que os ursos polares tinham nascido. Tentei tudo aquilo de que me consegui lembrar para arrancar a Tish ao seu abismo dos ursos polares. Mimei-a, gritei com ela e, finalmente, acabei por lhe mentir.

Pedi a um amigo que fingisse ser o «Presidente da Antártida» e que me enviasse um e-mail «oficial» a anunciar que, de uma vez por todas, as calotas polares tinham sido arranjadas e todos os ursos polares tinham ficado bem de repente. Abri aquele e-mail fraudulento e chamei a Tish, que estava no seu quarto:

— Meu Deus, querida! Vem cá! Olha o que acabei de receber! Boas notícias!

A Tish leu silenciosamente o e-mail e depois virou-se lentamente para mim com um olhar mordaz de desprezo. Ela sabia que o e-mail era falso, porque é sensível, mas não é estúpida. A saga do urso polar continuou a todo o vapor.

Uma noite, fui deitar a Tish e comecei a sair do quarto em biscos de pés com a alegria de uma mãe que está quase na terra prometida. (Toda a gente está a dormir e eu tenho o sofá só para mim, hidratos de carbono e a Netflix, e ninguém tem autorização para tocar em mim ou falar comigo até o Sol nascer, aleluia.) Estava a fechar a porta atrás de mim quando a Tish sussurrou:

— Espera. Mãe?

Raios partam!

— O quê, querida?

— São os ursos polares.

OH, RAIOS, NÃO!

Voltei para junto da cama dela e fitei-a com um olhar um tanto ou quanto maníaco. A Tish olhou para mim e disse:

— Mãe, não consigo deixar de pensar. Agora são os ursos polares e ninguém se importa, a seguir seremos nós.

Então, virou-se, adormeceu e deixou-me sozinha no quarto escuro, paralisada de estupefação. Fiquei a olhar para ela de olhos arregalados e com os braços à volta do corpo.

«Oh. Meu. Deus. Os ursos polaaareees!! Temos de salvar o raio dos malditos ursos polares! A seguir seremos nós. O que é que se *passa* connosco??»

Até que olhei para o meu bebé e pensei: *Ah. Tu não és louca por estares com o coração partido por causa dos ursos polares; o resto de nós é que somos loucos por não estarmos.*

A Tish não conseguiu ir para o recreio porque estava a prestar atenção ao que a professora dizia. Assim que ouviu as notícias do urso polar, deu a si mesma liberdade para sentir o horror e percebeu o que estava mal, imaginando o resultado inevitável. A Tish é sensível e esse é o seu superpoder. O oposto de sensível não é corajoso. Não é corajoso recusarmo-nos a prestar atenção, recusarmo-nos a notar, recusarmo-nos a sentir, a saber e a imaginar. O oposto de sensível é insensível, o que não é nenhum símbolo de honra.

A Tish sente. Mesmo enquanto o mundo tenta passar por ela, ela está lentamente a absorvê-lo. *Esperem, parem. Aquilo que disseram sobre os ursos polares… fez-me sentir algo e questionar algo. Podemos ficar aqui por um instante? Eu tenho sentimentos. Tenho perguntas. Não estou pronta para ir a correr para o recreio ainda.*

Na maioria das culturas, pessoas como a Tish são identificadas cedo e destacadas como xamãs, curandeiros, poetas e clérigos. São consideradas excêntricas, mas essenciais para a sobrevivência do grupo, porque são capazes de ouvir coisas que os outros não ouvem, ver coisas que os outros não veem e sentir coisas que os outros não sentem. A cultura depende da sensibilidade de alguns, porque nada pode ser curado se não for sentido primeiro.

Mas a nossa sociedade está tão empenhada na expansão, no poder e na eficiência a todo o custo que pessoas como a Tish — como eu — são inconvenientes. Nós desaceleramos o mundo. Estamos na proa do *Titanic* a apontar e a gritar: «Icebergue! Icebergue!», enquanto o mundo

todo está lá em baixo no convés, a gritar de volta: «Só queremos continuar a dançar!» É mais fácil que nos declarem pessoas avariadas e que nos ignorem do que considerar que estamos a reagir adequadamente a um mundo avariado.

A minha menina não está avariada. É uma profetisa. Quero ser sábia o suficiente para parar com ela, para lhe perguntar o que sente e para ouvir o que ela sabe.